Lição 7: Ele refuta a posição daqueles que disseram que o não-ser é algo

Bekker: 187 a 1-10

47. Após o Filósofo ter refutado o argumento de Parmênides, apresentando certas inconsistências nele encontradas, refuta aqui a posição daqueles que concederam essas inconsistências.

Sobre isso, faz dois pontos. Primeiro, expõe sua posição. Segundo, refuta-a onde diz: "Mas é evidente que não..." (187 a 3 #50).

48. Deve-se notar primeiramente que o Filósofo usou dois argumentos acima [L6 #36ss.] contra o argumento de Parmênides. Um serviu para mostrar que, devido à diversidade de sujeito e acidente, não decorre do argumento de Parmênides que tudo é um. Esse argumento levou ao absurdo de que o não-ser é ser, como fica claro pelo que foi dito acima. O outro argumento procedeu para mostrar que a conclusão de que o ente é um não se segue porque, se fosse uma magnitude, seguir-se-ia que essa magnitude seria indivisível. Pois se fosse divisível, haveria algum tipo de multiplicidade.

49. Os platônicos, contudo, cederam a cada argumento, concedendo as impossibilidades a que eles levavam.

Aceitaram o primeiro argumento, que levava à conclusão de que o não-ser seria ser. Suponha que alguém dissesse que ser significa uma coisa, apenas a substância ou apenas o acidente, e por causa disso desejasse também dizer que todas as coisas são uma — com relação a esse argumento, digo, eles aceitaram [a conclusão] de que o não-ser seria ser.

Pois Platão disse que o acidente é não-ser. E por causa disso, diz-se em *Metafísica*, VI:2, que Platão sustentava que a sofística tratava do não-ser, porque lidava sobretudo com aquelas coisas que são predicadas *per accidens*. Portanto, Platão, entendendo ser como substância, concedeu a primeira proposição de Parmênides, que dizia que tudo o que é outro que não o ser é não-ser. Pois Platão sustentava que o acidente, que é outro que não a substância, era não-ser.

Não concedeu, porém, a segunda proposição, a saber, que tudo o que é não-ser é nada. Pois, embora dissesse que o acidente é não-ser, não dizia que o acidente é nada, mas sim que é algo. E por causa disso, segundo Platão, não se segue que o ser seja apenas um.

Mas Platão, quando fez as magnitudes serem indivisíveis por dissecação, isto é, quando disse que uma magnitude é terminada em indivisíveis por divisão, concordou com o outro argumento que levava à conclusão de que uma magnitude seria indivisível. Pois ele sustentava que os corpos se resolvem em superfícies, as superfícies em linhas e as linhas em indivisíveis, como fica claro em *De Caelo et Mundo*, III:1.

50. Em seguida, onde diz: "Mas é evidente..." (187 a 3), refuta a posição acima quanto ao ponto que Platão concedeu, a saber, que o não-ser é algo. Quanto ao outro ponto, a saber, que Platão sustentava que existem magnitudes indivisíveis, isso é refutado em seu lugar próprio nos livros seguintes da ciência natural [VI L1].

Refuta o primeiro ponto de duas maneiras. Primeiro, mostra que não decorre do argumento de Platão que o não-ser é algo. Segundo, refuta a afirmação de Platão de que, a menos que sustentemos isso (isto é, que o não-ser que é acidente é algo), seguir-se-á que tudo é um. Ele faz isso onde diz: "Dizer que todas as coisas..." (187 a 7 #52).

51. Diz, portanto, primeiro que o argumento pelo qual Platão concluiu que ser significa um claramente não se segue. Pois ele sustentava que o ser é um gênero e é predicado univocamente de todas as coisas por uma participação no primeiro ser. E, além disso, sustentava que contraditórios não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo. A partir desses dois pontos, pensava que se seguia que o não-ser não é nada, mas algo. Pois, se ser significa o uno, que é a substância, será necessário que tudo o que não é substância seja não-ser. Pois, se fosse ser, então, como ser não significa nada além de substância, seguir-se-ia que seria substância. E assim seria simultaneamente substância e não-substância, caso em que contraditórios seriam verdadeiros ao mesmo tempo. Se, portanto, é impossível que contraditórios sejam verdadeiros ao mesmo tempo, e se ser significa o uno, que é a substância, seguir-se-ia que tudo o que não é substância é não-ser. Mas há algo que não é substância, a saber, o acidente. Portanto, algo é não-ser. E assim não é verdade que o não-ser é nada.

Mas Aristóteles mostra que isso não se segue. Pois, se ser significa principalmente o uno, que é a substância, nada impede que se diga que o acidente, que não é substância, não é ser simplesmente. Mas por causa disso não é necessário dizer que aquilo que não é algo, isto é, não é substância, é não-ser absoluto. Portanto, embora o acidente não seja ser simplesmente, não pode, de fato, ser chamado de não-ser absoluto.

52. Em seguida, onde diz: "Dizer que todas as coisas..." (187 a 7), mostra ademais que, se o não-ser que é acidente não é algo, não se segue que tudo é um. Pois, se ser pode significar apenas substância, que verdadeiramente é, então ele diz que é absurdo sustentar que se seguiria que todas as coisas são uma, a menos que haja algo fora do ser. Pois, se há substância, nada impede que haja uma multiplicidade de substâncias, como já foi dito [L6 #45], mesmo que magnitude e acidente sejam removidos. Pois a definição de substância se divide nas muitas coisas que estão no gênero da substância, assim como homem se divide em animal e bípede. E, além disso, segue-se que, segundo as diferentes diferenças de um gênero, existem muitas substâncias em ato. E finalmente tira a conclusão que tinha em mente como principal, a saber, que todas as coisas não são uma, como disseram Parmênides e Melisso.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:30:30 by Admin

Updated 1 October 2026 23:33:40 by Admin